

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

# A PRINCESA ROSINHA NA COVA DOS LADRÕES



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

★

274) **A Princesa Rosinha  
na Cova dos Ladrões**

274-A) **A Ilha Misteriosa ou  
a Coragem de Solon**

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na  
Bibliotéca Nacional

★

 GRÁFICA EDITORA  
**Prelúdio**  
A. A. LOPES & SOUZA  
RUA PANAMA, 772 — FONE: 9-1874 — SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PRINCESA ROSINHA  
NA COVA DOS LADRÕES



O mundo é um cinema .  
De grande variedade,  
Cada dia sempre passa  
Filmes da antiguidade,  
Pois um drama muito antigo  
Quando vem é novidade

Este romance é um desses  
Que a muitos anos passou-se,  
No reinado de Atlântida,  
Que já a muito afundou-se,  
Diz o povo que êsse reino,  
Em mar e céu transformou-se.

Porém em sua existência  
Esse reino era falado,  
Tinha como soberanos  
Um casal muito estimado;  
Era a rainha Nomécia  
E o rei Braulio Conrado.

Desse casal tão querido  
Só nasceu uma filhinha,  
Era linda igual a Venus,  
A mimosa bonequinha.  
Que teve o nome de Rosa,  
P'ra ser chamada Rosinha.

Rosinha ia crescendo  
Com muita felicidade,  
Porque todos adoravam  
Esse anjo de bondade,  
Mas ao chegar dez anos  
Surgiu a infelicidade.

Pois no reino appareceu,  
Uma quadrilha assombrosa,  
De ladrões misteriosos,  
Faziãr cerna horrorosa  
Roubavam matavam gente  
De forma misteriosa.

Esses ladrões assistiam  
Numa montanha que havia;  
Diziam ser encantada  
Porque ninguém se atrevia,  
It naquelas matas, pois  
Pelas feras morreria.

Porém é que os ladrões  
Tinham coragem devéras,  
Pois entraram no abismo  
E domesticaram as feras  
Deram num palácio antigo  
Que já tinha muitas éras.

Ali ficaram morando,  
Na mais triste solidão;  
A quadrilha era sessenta,  
Era quasi um batalhão  
Tiraram o mais destimido  
Promoveram a capitão.

Cercaram toda montanha,  
Deixaram um portão somente,  
Guardado por dois gigantes,  
E cada qual mais valente,  
Esses só se alimentavam  
De carne e sangue de gente.

E depois domesticaram,  
Com trabalho dez leões  
E botaram mais adiante  
Como fortificações;  
Os leões só atendiam  
A quadrilha de ladrões.

Domesticaram também  
Duas horriveis serpentes  
E ao depois dos leões,  
Botaram as cobras valentes,  
Cada engulia um homem  
E não tocava nos dentes.

Assim ficou descançada  
Aquela quadrilha forte,  
E quem fôsse persegui-la  
Era ir buscar a morte,  
Dar de comer aos gigantes  
P'ra melhorarem de sorte.

Porque quem fosse teria  
De mostrar disposições,  
Enfrentar os dois gigantes  
E depois os dez leões;  
Passando tinha as serpentes  
Protetoras dos ladrões.

Quem passasse os obstáculos,  
Enfrentava os celerados,  
Que estavam no palácio  
Muito bem entrincheirados,  
Canhões e metralhadoras,  
Para tudo preparados.

E' por isso que os ladrões  
Roubavam, não tinham medo:  
Espalhavam no reinado  
Os mistérios com segredo,  
Depois que faziam roubos  
Voltavam para o degrêdo.

A policia os perseguia,  
Seguiam muitos soldados  
Só chegavam no portão,  
Eram logo devorados  
Pelos gigantes famintos  
E os leões esfomeados.

Os ladrões continuavam  
Roubando até as donzelas,  
Quer fossem ricas ou pobres  
Quer fossem feias ou belas,  
Faziam o que queriam  
E depois matavam elas.

O rei viu a cousa séria,  
A desgraça do reinado,  
Todo povo se acabando  
Pelo grupo celerado;  
Até de sua policia  
Não tinha mais um soldado

Então o rei preparou  
O exército e a marinha.  
Botou nos ladrões sem pena,  
Com toda força que tinha;  
Morria tanto soldado,  
Que parecia murrinha.

A guerra durou um ano,  
Mas a força esmoreceu  
Pois dos soldados que foram,  
Escapou o que correu,  
Toda força do reinado  
Nessa batalha morreu.

Os ladrões nada sofreram,  
Só gastaram munições,  
E desgraçaram a cidade,  
Com as balas dos canhões,  
A montanha foi chamada,  
Pela "cova dos ladrões".

Depois da guerra o reinado  
Ficou sem ter proteção,  
Os ladrões se indignaram  
Com uma louca paixão,  
Foram roubar a princesa  
Para dá-la ao capitão.

Quando entraram no palácio  
Prenderam logo a rainha,  
Saquiaram toda a casa.  
Para levarem o que tinha,  
Deixaram o rei amarrado  
E carregaram Rosinha.

Levaram a princezinha,  
Por dentro da solidão,  
Para dá-la de presente  
Ao seu bom capitão;  
No dia dos anos dele,  
Teria satisfação.

Na hora que lá chegaram,  
O capitão indecente,  
Veio ao encontro deles,  
Recebeu-a de presente  
Era triste vêr-se o pranto  
Dessa infeliz inocente.

Ele perguntou-lhe o nome  
Ela respondeu: Rosinha  
Ele disse: como é linda!  
Porém é muito mocinha.  
Quando tiveres idade,  
Um dia hás de ser minha.

Nesse tempo ela contava  
Onze anos de idade:  
O capitão dos ladrões  
Tomou-lhe grande amizade,  
Mas botou-a na prisão  
Sem nenhuma liberdade.

Então disse o capitão:  
Esta eu vou adorá-la,  
Amci-a de coração  
E sempre hei de amá-la,  
Se ela não me amar,  
Assim eu posso forçá-la.

E o monstro todo dia,  
Ia vê-la na prisão,  
Tratando-a bem dircitinho,  
Com uma hõa refeição.  
Dando mel para depois,  
Dar-lhe fel com aleatrão.

Aqui eu deixo Rosinha,  
Para voltar ao reinado;  
Vamos encontrar o rei,  
Triste e desconsolado,  
Só desejava na vida,  
Era morrer enforcado.

Porque o que estimava,  
Tinha desaparecido;  
Era sua filha única,  
O seu anjo estremecido,  
Sem saber ele pensava,  
Que ela tivesse morrido.

Não tinha prazer na vida,  
Nem o rei nem a rainha;  
Pois fazia quasi um ano  
Que choravam a filhinha;  
Viviam fazendo preces  
Para a alma de Rosinha.

Porém em outro reinado  
Apareceu um rapaz;  
Que brigava por destino,  
Na luta era um voraz,  
Muita gente já dizia  
Que ele era o satanaz.

Porém é que esse moço,  
Trouxe o dom da natureza,  
Gênio, coragem e destino,  
Força jeito e ligeireza;  
No mundo não tinha homem,  
Para dele ter a destreza.

Tinha apenas vinte anos,  
Forte ousado e valente,  
Era um tipo elegante,  
Andava muito decente,  
Contava vinte e seis mortes,  
Todas de cabra insolente.

Uma vez ele encontrou,  
Um sujeito arruaceiro,  
Assombrava uma cidade,  
Com o nome de cangaceiro:  
Guilherme esse tal moço,  
Foi ver esse aventureiro.

O rapaz vendo o valente,  
O povo fazia apostas,  
Que o moço perdia luta,  
Guilherme ouviu as propostas  
Só deu-lhe uma pumbalada,  
Tirou-lhe o fígado nas costas.

E assim brigava sempre,  
Com toda disposição,  
Luta a revólver e espada,  
Ganhava toda questão,  
Em esgrima e todo esporte,  
Do paiz foi campeão.

Guilherme pelas bravuras,  
Que ganhava todo dia  
Dizia o povo que ele  
Era o rei da valentia,  
E este nome de glórias  
Toda nação já sabia.



O rei Bráulio quando soube  
Desse rapaz valentão  
Mandou buscá-lo com festa  
E grande recepção  
Para ver se ele podia  
Salvar a sua nação.

Guilherme quando chegou  
Lhe disse o rei sem tardança:  
— Se você salvar meu reino  
Fazendo a minha vingança  
Eu lhe darei de presente  
A corôa por lembrança.

Então contou a Guilherme  
A façanha dos ladrões  
A coragem dos gigantes  
A bravura dos leões  
A vingança das serpentes  
Devorando os batalhões.

Contou como sua filha  
Foi roubada do reinado  
Guilherme viu seu retrato  
Ficou logo apaixonado  
Disse ao rei: Quero armas  
Para seguir bem armado.

Preciso de três espadas,  
Um revólver e um punhal,  
Também muita munição,  
De fabrico especial,  
Para enfrentar os gigantes,  
Leões e tudo afinal.

Guilherme mandou fazer  
Uma vestimenta de aço,  
Com molas suficientes,  
Para mover cada braço;  
Partiu p'ra vencer a luta,  
Ou ficar lá o bagaço.

Quando chegou no portão  
Um gigante apareceu  
E disse para Guilherme:  
Por ti esperava eu  
P'ra dar de comer à gente  
Aqui ninguém mais comeu.

Guilherme que estava pronto,  
Meteu-lhe logo a espada;  
O gigante puxou outra  
Que era mais afiada,  
E deu um grito chamando  
O outro seu camarada.

Chegou logo o outro e disse:  
Vamos comer este diabo!  
Guilherme disse: e você.  
Para onde vem tão brabo?  
Cravou-lhe a espada no peito  
Que entrou até no cabo.

Esse caiu logo morto,  
Ficou somente o primeiro,  
Que lutava com o moço,  
Como um feroz carniceiro,  
Na luta eles caíram  
Dentro de um despenhadeiro.

Guilherme muito cansado,  
Preparou uma cilada  
Porque viu que não pegava,  
O gigante na espada,  
Com o braço esquerdo deu-lhe  
Uma enorme punhalada.

Na punhalada o gigante,  
Deu um esturro e gemeu,  
Guilherme mais que depressa  
Outra punhalada deu,  
Em cima deu outra mais  
Que o gigante morreu.

Depois do gigante morto,  
Guilherme seguiu viagem,  
Ao caminhar meia legua,  
Perto de uma passagem,  
Enfrentou os dez leões,  
Com heroísmo e coragem.

Assim que os leões parliram  
Guilherme a espada puxou,  
O mais afoito que vinha,  
Em dois pedaços cortou,  
Meteu a espada noutro,  
Que este morto tombou.



Naquilo os oito avançaram  
Mas o moço sem sobroço,  
Esperou-os de pé firme;  
E deu um golpe colosso,  
Que partiu dois pelo meio,  
Doutro tirou o pescoço.

Porém é que nessa hora  
Quando Guilherme virou-se,  
Um leão deu-lhe um tapa  
Que a espada quebrou-se;  
Guilherme puxou por outra  
Esta no leão cravou-se.

O leão já estava morto,  
Quando Guilherme puxou-a;  
Porém é que outro leão,  
Neste instante rebatou-a;  
Guilherme puxou a última,  
Fornida, pesada e bôa.

O rapaz com esta espada  
Melhorou mais do cansaço,  
Desceu ela num leão,  
Partiu-o no espinhaço;  
Ficaram tres e Guilherme  
Ali os fez em bagaço.

Guilherme descansou muito,  
Depois da luta medonha,  
Vendo os leões todos mortos,  
Seguiu igual a quem sonha  
Mas quando viu as serpentes.  
Só não correu com vergonha.

Então as duas partiram,  
Guilherme se desviava,  
Metia a espada com força,  
Esta o gume virava,  
Ele viu que as serpentes,  
A espada não cortava.

Bateu mão a seu revólver,  
Da luta já bem cansado  
Atirou, porém também,  
Não deu nenhum resultado,  
Nenhuma bala furava,  
Guilherme se viu logrado.

Com duas horas de luta  
Jesus o auxiliou  
Por muita felicidade,  
No olho de uma acertou;  
No tiro ela deu um silvo  
E a luta abandonou.

Guilherme que já pensava  
Perder o grande valor,  
Porém no tiro conheceu  
Qual o lugar matador,  
E bem no olho da outra  
Deu-lhe um tiro arrasador.

Assim morreram as serpentes,  
Perderam todas ações;  
Guilherme daí partiu  
Para a "cova dos ladrões"  
Quando foi chegando perto  
Viu dois enormes portões.

Por felicidade dele,  
Os ladrões andavam fora,  
Só estava o capitão  
E um vigia na hora,  
Guilherme pega o vigia  
E matou-o sem demora.

Então entrou no palácio,  
Correu salão por salão,  
Quando chegou na cosinha  
Avistou um alçapão,  
E dentro avistou um homem  
Com um grande punhal na mão.

E nos pés dele uma jovem  
Ajoelhada chorando;  
Era a princesa Rosinha  
Que estava se lastimando,  
E o capitão dos ladrões,  
Estava lhe confessando.

Com o punhal lhe apontando  
Em cima do coração,  
Dizendo: vamos senhora!  
Veja se me aceita ou não?  
Do contrário hoje mesmo  
Vai para dentro do chão.

Rosinha disse: eu prefiro  
 Morrer, porém sendo honrada  
 No céu descanso nos braços  
 De Maria Imaculada,  
 Porque não parto do mundo  
 Com minha alma manchada.

Guilherme desce a escada  
 Com o revólver na mão,  
 Tão sagaz que parecia,  
 Que não pisava no chão  
 Ficou atrás do bandido,  
 Ouvindo esta confissão.

O monstro disse à princesa;  
 — Dos meus pés você não corre,  
 Tem que ceder o que quero  
 Aqui ninguém lhe socorre;  
 Guilherme gritou atrás:  
 — Não estremêça que morre.

Nisso o capitão virou-se  
 Com o seu punhal na mão  
 E partiu para Guilherme,  
 Igual um lobo ou leão;  
 Guilherme deu-lhe dois tiros,  
 Em cima do coração.

Rosinha quando viu isto,  
 Se abraçou com o rapaz  
 Dizendo: Tú és um anjo  
 Das regiões divinais,  
 Vieste para salvar-me,  
 Já nos momentos finais.

Diz Guilherme ainda falta,  
 A corja devoradôra,  
 Então foi para o portão,  
 Com uma metralhadora;  
 Rosinha' pertinho dele,  
 Como municiadôra.

E Guilherme entrincheirado  
 Prestando todo sentido  
 Quando a quadrilha apontou  
 O moço bem destimido  
 Com trez rajadas que deu  
 Não escapou um bandido.



Dai Guilherme e Rosinha  
Seguiram para a cidade  
Embriagados de amor  
Na doce paz da amizade  
Assim entraram de braços  
Na côrte da magestade.

Quando entraram na côrte  
Tanto ò rei como a rainha  
Logo abraçaram Guilherme  
E a querida filhinha  
As moças jogavam flores  
Sôbre Guilherme e Rosinha.

Guilherme foi coroado  
Porque assim merecia  
E casou-se com Rosinha  
Com toda soberania  
Enfim que teve a corôa  
Como "o rei da valentia".

**A** bravura desta luta  
Levou Guilherme á vitoria  
**M**unido com boas armas  
Enfrentou e teve a gloria  
Isto é fato sem segundo  
**D**á voragem a todo mundo  
**A** vingança desta historia.





~~2744~~  
292

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

# *Ortilha* **MISTERIOSA**

*ou*  
**A CORAGEM DE  
SOLON**



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A ILHA MISTERIOSA OU  
A CORAGEM DE SOLON



Este mundo representa  
Um teatro em nossa vista  
Enquanto o pobre sofre  
Gosa o capitalista  
Enquanto um se diverte  
O outro serve de artista

Enquanto um luta na vida  
Com trabalho e sacrificio  
O outro arranja facil  
Sem enfrentar precipicio  
Enquanto um faz a comédia  
O outro dá o inicio

Há muitos séculos atrás  
No reino do Oriente  
Apareceu um mistério  
Que assombrou muita gente  
No meio do Oceano  
Para o lado do nascente

Com muitas leguas da terra  
Dentro das aguas do mar  
Surgiu uma grande ilha  
Que fazia admirar  
Do reinado Persiano  
Podia se contemplar

No centro havia um castelo  
Parecia um paraiso  
Com um letreiro escrito  
Dizendo: leia o aviso  
Quem vir aqui se despeça  
"Até dia de juizo"

De formas que essa ilha  
Causou grande confusão  
Vinha gente para vê-la  
Quase de toda nação  
Porém para chegar perto  
Ninguém tinha coração

O reinado Persiano  
Tinha sua grande herdeira  
A princesa Carmelita  
Em belesa era a primeira  
Tinha as feições de Venus  
Nos pés da brisa fagueira

Uma tarde Carmelita  
Numa praia passeiava  
Um vento misterioso  
Pela princesa passava  
Levou-a por cima d'agua  
Que nem os pés não molhava

As amigas quando viram  
Correram horrorisadas  
Foram dar parte ao rei  
Como loucas assombradas  
Dizendo que aquilo era  
Feitiçaria das fadas

O rei sabendo a noticia  
Achou que não tinha trilha  
Foi olhar com um binóculo  
Ainda viu sua filha  
Quando entrava na porta  
Lá no castelo da ilha

O rei mandou num navio  
Um batalhão bem armado  
Dizendo ao comandante  
Que seguisse com cuidado  
E trouxesse a sua filha  
Como unico resultado

Chegando perto da ilha  
Se houver opposição  
Prepare seus artilheiros  
Lute com disposição  
Traga a moça embora deixe  
A vida do batalhão

Naquela hora o navio  
Já na agua deslisava  
Com tres dias e tres noites  
Perto da ilha chegava  
O rei com o seu binóculo  
Do palácio observava

Viu quando o grande navio  
No cais da ilha atracou  
Em toda ordem de guerra  
A grande força saltou  
E no portão do castelo  
A tropa toda entrou

O rei que estava atento  
Já olhava com sobrosso  
Quando apareceu um letreiro  
Dizendo: em meu calabouço  
Essa tropinha que veio  
Não dá para meu almoço

O rei que leu o letreiro  
Ficou entusiasmado  
Preparou toda esquadra  
Do seu possante reinado  
E mandou cercar a ilha  
Fazer um fogo cerrado

Partindo a grande esquadra  
Cercou a ilha falada  
Os canhões abriram fogo  
Numa possante rajada  
Porém no grande castelo  
Balas não faziam nada

Com dez dias de batalha  
Na grande revolução  
Surgiu uma ventania  
Que parecia um vulcão  
Dominou toda esquadra  
Esse enorme furacão

Então a possante esquadra  
Na ilha foi arrojada  
A tropa em desespero  
Foi toda desembarcada  
E depois para o castelo  
Foi a força arrebatada

O rei contemplava a cena  
Metido em tais embaraços  
Dos seus navios de guerra  
Só existiam retrazos  
Das bandeiras ao vento  
Inda avistava os pedaços

O rei formou o conselho  
Chamou cada conselheiro  
Para enfrentar o mistério  
Com o seu povo guerreiro  
Ou salvar a sua filha  
Ou morrer o derradeiro

Disse o ministro da guerra  
Eu juro por Deus eterno  
Que se hei de ir a ilha  
Vou escrever um caderno  
Levar carta ao diabo  
Nas tres portas do inferno

Nem eu vou nem meu soldados  
Nem os paisanos tambem  
Cair na boca do lobo  
Quem vai lá nunca vem  
Mesmo não sirvo de buxa  
Prá barriga de ninguém

O rei vendo esta resposta  
Ficou pisando em brasa  
Dizendo: não vou sosinho  
Porque o reino se arrasa  
Mesmo eu tenho coragem  
Porém o medo me atrasa

Se aparecer um valente  
Que tenha o desafôro  
De descobrir o mistério  
Faz parte no meu tesouro  
Recebe um lindo condado  
E dez mil contos em ouro

E se a princesa for viva  
Saindo do cativoiro  
Como tambem quem salvá-la  
Se for um rapaz solteiro  
Será o esposo dela  
É do meu reino herdeiro

O rei botou um artigo  
Em todos jornais que tinha  
Dizendo quem quizer vir  
Fazer a vontade minha  
Escreva para São Pedro  
E dê adeus à farinha

A noticia dessa ilha  
Correu em toda paragem  
Apareciam valentes  
Porem só na pabulagem  
Quando avistavam a ilha  
Perdiam toda coragem

Então aqueles afoitos  
Queriam ver o segredo  
Tomavam embarcações  
Marchavam para o degrado  
Porem antes de chegarem  
Morriam só com o medo

Em um paiz bem distante  
Habitava um belo moço  
Que dizia abertamente  
Sou mais duro do que osso  
Nunca encontrei mistério  
Que me fizesse sobrosso

Vou embora pelo mundo  
Ver se acho a quem ataque  
Porque quando tenho raiva  
Bebo um pouco de conhaque  
Se encontrasse o diabo  
Matava ele de haque

Esse moço era Solon  
Que tinha perdido os pais  
Abandonou seu paiz  
Para lá não voltar mais  
Partiu que só Oliveiros  
Prá lutar com Ferrabraz

Com trez meses de viagem  
Um dia pela tardinha  
Muito perto da estrada  
Avistou uma casinha  
Foi lá e bateu na porta  
Lhe saiu uma velhinha

A velha disse: meu filho  
 O que andas a fazer  
 Solon respondeu à ela  
 Viajo para sofrer  
 Arranjar felicidade  
 Ou prá matar ou morrer

Se tu tiveres coragem  
 Eu dou ao que vens atraz  
 Solon então respondeu  
 Meu destino é voraz  
 Que entro até no inferno  
 Trago preso satanaz

Disse ela: então me ouça  
 Tenha em mim confiança  
 Eu dou-te a felicidade  
 Prá fazer uma vingança  
 Com o monstro dos mistérios  
 Da ilha de "Pedra Mansa"

Ele é um corpo sem alma  
 Tem um poder esquisito  
 O couro dele é mais duro  
 Do que pedra de granito  
 Porém eu te dou as armas  
 Com que vences o maldito

Solon disse: eu preparado  
 A esse monstro espedaço  
 Sendo pedra eu dinamito  
 Vejo voar o bagaço  
 Se for de aço eu quebro  
 Sendo de ferro eu amasso

Deus permita que na luta  
 O monstro você açoite  
 Porém com a "Pedra Mansa"  
 Peço que não se afoite  
 Que contem todos mistérios  
 Da fada da meia-noite

A fada quando morreu  
 Como era minha irmã  
 Deu-me a pedra de presente  
 Que era um talismã  
 Porém um bruxo roubou-me  
 Um dia pela manhã





De posse da "Pedra Mansa"  
 Numa ilha transformou  
 E com a força que tinha  
 Um mistério preparou  
 Tirou a alma do corpo  
 Numa lâmpada colocou

A lâmpada é a vida dele  
 Que conserva bem guardada  
 Num grande subterrâneo  
 Se desce por uma escada  
 Ele só morre algum dia  
 Se a lâmpada for apagada

No fim da escadaria  
 Com mil metros de altura  
 Está a vida do monstro  
 Garantida e bem segura  
 Guardada por trez cachorros  
 De monstruosa figura

Depois dos cachorros tem  
 Batalhões de esqueletos  
 Todos de olhos de fogo  
 Com pestanas de gravetos  
 As linguas desses fantasmas  
 Furam mais do que espetos

Vença tudo com coragem  
 Veja se luta e não corre  
 Que tendo disposição  
 O meu poder te socorre  
 E apagando a lâmpada  
 O monstro perverso morre

Ai quebra-se o mistério  
 E sentes um calafrio  
 A ilha desaparece  
 Nas aguas do mar bravio  
 Ficas em cima da pedra  
 Que te leva ao navio

Tambem vês uma princesa  
 Na flôr d'agua flutuando  
 Há trez anos vive presa  
 O monstro a castigando  
 Salva que é tua noiva  
 Que está te esperando

Tome leve esta espada  
Siga com disposição  
Esta arma é magnética  
E estando em tua mão  
Tem o poder dos planetas  
E a força de Sansão

Leve também este anel  
Que tem poder e critério  
Você com ele penetra  
Em segredo muito sério  
Chegue na ilha e procure  
O alcapão do mistério

A velha disse a Solon  
Onde ficava o reinado  
O rapaz seguiu disposto  
Com um mês era chegado  
Dizendo que ia à ilha  
Do povo foi criticado

Porém falou com o rei  
Que deu uma embarcação  
Solon partiu com coragem  
Não levou tripulação  
Chegou na ilha foi logo  
À boca do alcapão

Desceu com toda coragem  
Naquela escada escura  
Surgiu um grande cachorro  
Com dois metros de altura  
Solon pegou na espada  
Para mostrar a bravura

O moço enfrentou o monstro  
Que não pedia socorro  
Quando a espada descia  
O sangue corria em jorro  
Era maior que um pires  
Cada olho do cachorro

A espada magnética  
Voava fogo do aço  
Em todo canto que ia  
Via cair o pedaço  
Com dez minutos de luta  
O cachorro era bagaço

Solon desceu novamente  
Procurando pelo tato  
Viu surgir outro cachorro  
Mais ligeiro que um gato  
Esse tinha cada olho  
Do tamanho de um prato

Era um cão monstruoso  
Astuto ligeiro e brabo  
Deslisava na espada  
Que parecia um quiabo  
Voava fogo dos olhos  
Igualmente ao diabo

Porem Solon era forte  
Deu nele um contra passo  
O golpe pegou de jeito  
Que rolou o espinhaço  
Com mais duas espadadas  
Só caiu lá o cangaço

Tornou descer a escada  
Já no fim encontrou mais  
Outro cachorro enorme  
Com dentes descomunais  
Com cada olho de fogo  
Que assombrava o satanaz

Esse era agigantado  
Solon viu fez um esbarro  
Cada presa do cachorro  
Era maior que um jarro  
Tambem tinha cada olho  
Como uma roda de carro

O cachorro abriu a boca  
Que cabia um elefante  
Porém Solon preparado  
Com a espada possante  
E o auel que lhe dava  
A força de um gigante

Partiu enfrentou a fera  
Como um leão destemido  
Porem com esse cachorro  
Ele encontrou um marido  
Já lutava vendo a hora  
Que ia ser engulido

Solon já muito cansado  
Esperou-o pela frente  
Quando meteu a espada  
Viu sair um vento quente  
O golpe pegou na boca  
Que não ficou um só dente

O cachorro deu um pulo  
Rodou como quem desanda  
Solon também deu um salto  
Como quem vai e não manda  
Meteu-lhe outra espadada  
Abriu-lhe a cabeça em banda

Quando o cachorro morreu  
Solon por uma janela  
Viu uma mesa de cristal  
A lâmpada em cima dela  
Mais de dois mil esqueletos  
Botando sentido a ela

Solon partiu para lá  
Foi um escangalho preto  
Os fantasmas avançaram  
Cada qual com um espeto  
Solon com cada espadada  
Desmanchava um esqueleto

Um fantasma deu um salto  
Pegou-o pelo pescoço  
O rapaz deu-lhe um balão  
Que o "cabra" comeu grosso  
Bateu em cima no forro  
Não ficou inteiro um osso

Solon pegava fantasma  
Fazia mólho de tres  
Jogava em cima dos outros  
Com destreza e rapidez  
Via cair as ossadas  
de dez, doze de uma vez

Para o lado dos fantasmas  
A luta estava perdida  
Porque já haviam poucos  
Prá Solon estava vencida  
Nisso apareceu o monstro  
Que vinha salvar a vida

O moço então enfrentou-o  
Não quiz medir os horrores  
Quando meteu a espada  
Sentiu um choque de dores  
Tambem viu voar lingueta  
De fogo de todas cores

Tornou a meter a espada  
Sentiu o braço cansado  
Solon deu um passo atraz  
E ficou desanimado  
Porque na boca do monstro  
Não dava um só bocado

O monstro com todo orgulho  
Deu no moço uma pesada  
Porém Solon defendeu-se  
E deu-lhe outra espadada  
O monstro partiu em cima  
Arrebatou-lhe a espada

Solon se vendo perdido  
Só viu a luz amarela  
Pulou em cima da lâmpada  
Quebrou e apagou ela  
O monstro deu um gemido  
E esticou a canela

Naquela hora Solon  
Ouviu um grande trovão  
Estava em cima da pedra  
Com a espada na mão  
Só via o oceano  
E a sua embarcação

Olhou de um lado e viu  
A princesa se afogando  
Quando salvou-a sentiu  
Que ia se apaixonando  
E a princesa também  
A ele ficou amando

Seguiram para o reinado  
Na pequena embarcação  
Levaram a pedra da velha  
Com grande satisfação  
O anel e a espada  
Que foram a salvação



Quando chegaram ao porto  
Subiram fogos no ar  
A alegria foi tanta  
Que não posso avaliar  
Todo povo do reinado  
Foi a Solon abraçar

Para prestar homenagem  
Ao moço vencedor  
Seguiram para o palácio  
Num cortejo de valor  
Solon foi de cadeirinha  
A princesa em um andor

Chegaram lá se casaram  
Naquela hora sagrada  
Prá felicitar os noivos  
Veio a velha irmã da fada  
Levou sua "Pedra Mansa"  
O anel e a espada

A ilha misteriosa  
Levou muitos para morte  
Mas Solon com a espada  
Enfrentou o monstro forte  
Imitou à Oliveiros  
Deu lição aos guerreiros  
A vida é prá quem tem sorte



7540

## **ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO**

**JOÃO SOLDADO** — O valente praça que meteu o diabo num saco. A história fabulosa de João Soldado, que após praticar a caridade, recebe de Deus e S. Pedro, um poder maravilhoso. Encontra o diabo, consegue vencê-lo e colocá-lo num saco. Em versos.

**ALMA PENADA** — Tragédia de um pobre homem que o destino lançou como mendigo aos pés da própria filha, que lhe deu um pedaço de pão.

**VICENTE O REI DOS LADRÕES** — Um astucioso ladrão que acaba casando com a filha do rei. História em versos populares.

**PELEJA DE JOÃO DE DEUS COM O DIABO NEGRO** — Num desafio inteligente, João de Deus vence o temível Diabo Negro, com versos maravilhosos.

**O JOGADOR NA IGREJA** — Como um jogador inveterado prova que pode jogar baralho na igreja, sem cometer sacrilégio.

**HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA** — A história de uma jovem, que foi vendida pelo próprio pai. O comprador trata-a como filha, e ao cair na miséria, é salvo pela sabedoria da linda jovem. Em versos.

**VIDA E TRAGÉDIA DO PRESIDENTE VARGAS** — História em versos do famoso presidente, que tantas glórias deu ao nosso Brasil.

**TRAGÉDIA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS** — História em prosa do Presidente Vargas, trágicamente desaparecido após dedicar sua vida ao Brasil.

**OS MILAGRES DO PADRE LIMA** — História singela do famoso padre Lima, que em Tambaú tem realizado milagres maravilhosos.

**CABOCLA TERESA** — Maravilhosa história ilustrada inspirada na famosa canção sertaneja, CABOCLA TERESA.

**TRUQUES, MÁGICAS E PASSATEMPOS** — Livro contendo uma boa coletânea de diversões para toda a família. Truques fáceis e interessantes.

**HISTÓRIA E SUCESSOS DE TONICO E TINOCO** — Biografia da dupla famosa, contendo suas mais populares páginas musicais.

---

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO**  
**Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo**

SIVB